

O APAGAMENTO DO -R NO FINAL DE VOCÁBULO
EM PRODUÇÕES ESCOLARES
NA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA – BA

Paula Freitas de Jesus Torres (UEFS)

alwap@hotmail.com

Josane Moreira de Oliveira (UEFS)

josanemoreira@hotmail.com

RESUMO

Com base nas pesquisas sociolinguísticas variacionistas e nos estudos já realizados sobre o apagamento do -r final dos vocábulos nas modalidades oral e escrita, este trabalho tem como objetivo analisar se há influência da oralidade no apagamento do -r final nas produções escritas de alunos da escola básica na cidade de Feira de Santana – BA e os principais contextos sociais e linguísticos que favorecem esse apagamento. Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizamos como *corpus* produções escritas (redação e ditado de frases) de alunos do 6º e 9º anos do ensino fundamental e do 3º ano do ensino médio. Um trabalho como este se torna relevante visto que o apagamento do -r, que já acontece mais frequentemente na modalidade oral, pode estar também presente na escrita, modalidade que pode ser afetada pelo reflexo da fala. Dessa forma é necessário analisar até que ponto essa mudança, já fortemente verificada na oralidade, tem recorrência nos textos escritos em sala de aula. Este estudo poderá contribuir com as pesquisas sobre o tema e colaborar para a melhora do ensino de língua portuguesa ao investigar o condicionamento desse processo variável bem com facilitar o trabalho com o *continuum* oralidade/escrita no ambiente escolar. O estudante poderá ser auxiliado a sistematizar com propriedade as relações entre letra e som variável, além de trabalhar aspectos de avaliação dos falantes ao atribuírem juízos de valor às formas da fala e da escrita.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação linguística. Apagamento do -r. Escrita.

1. *Introdução*

O surgimento da sociolinguística, na década de 1960, propiciou uma mudança no estudo da língua, principalmente, pelo fato de dar maior visibilidade à língua falada. Constatou-se que a língua varia e as diferentes formas empregadas pelos falantes devem ser também consideradas legítimas e entendidas como um produto sociocultural, interativo e coletivo em uma dada comunidade. É de grande importância considerar o papel da sociedade nos processos de variação e mudança pelos quais a língua passa, seja ela oral ou escrita, correlacionando aspectos linguísticos e sociais no trato da heterogeneidade, que é sistemática e ordenada.

Estudos sociolinguísticos apontam que, na escola, a escrita padrão distancia e reprime o falante do/no processo de escolarização e as reflexões sobre a oralidade dos alunos são quase inexistentes. A escola nega o fato de que todo falante tem domínio da sua própria língua, tem conhecimento das regras e tem efetivo desempenho das variadas tarefas comunicativas.

Diversas pesquisas sobre a fala vêm analisando o cancelamento do /r/ tanto em posição medial quanto em posição final de vocábulo, no entanto o fenômeno que propomos abordar aqui possui ainda poucos estudos voltados para a modalidade escrita. Dessa forma, é necessário dar continuidade a estudos já feitos, com uma análise mais aprofundada sobre a relação escrita x fala.

Muitos linguistas estudam a língua oral e a língua escrita dentro de um processo complexo de interação que envolve o texto. Embora as modalidades tenham suas diferenças, elas se relacionam entre si e uma não exclui a outra. Para Marcuschi (2010), a fala e a escrita estão fundadas em um *continuum*, pois a fala e a escrita podem possuir o mesmo objetivo quando se pretende transmitir algo. Porém cada uma possui suas especificidades, as quais se apresentam na forma como são organizadas e nas características que as regem, dependendo do contexto no qual se materializam.

Assim, para Marcuschi (2010), tanto a oralidade quanto a escrita têm suas práticas e características próprias, mas não são suficientemente opostas a tal ponto de serem consideradas como dois sistemas linguísticos, mas são duas modalidades de uso da língua.

O interessante nesta perspectiva é que a variação se daria tanto na fala como na escrita, o que evitaria o equívoco de identificar a língua escrita como a padronização da língua, ou seja, impediria identificar a escrita como equivalente a língua padrão, como fazem os autores situados na perspectiva da dicotomia estrita. (MARCHUSCHI, 2010, p. 32)

Mollica (2010) corrobora as ideias de Marcuschi ao descrever que as línguas, em geral, apresentam uma diversidade que também se distribui em um *continuum* do qual “o falante adquire primeiro as variantes informais e, num processo sistemático e paulatino, pode vir a apropriar-se de estilos e gêneros mais formais, aproximando-se das variedades cultas e da tradição literária”. (MOLLICA, 2010, p. 13)

A autora fala sobre as formas distintas que a língua apresenta pelo seu dinamismo e heterogeneidade e que são passíveis de serem descritas

e analisadas cientificamente. Mollica afirma: "Encontram-se assim formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático discursivo". (MOLLICA, 2010, p. 9)

2. Sociolinguística variacionista e os fenômenos linguísticos variáveis

Com o surgimento da sociolinguística na década de 1960, por meio dos estudos de Weinreich, Labov & Herzog, a linguística vive uma renovação teórica. Nas bases da pesquisa sociolinguística variacionista, as motivações sociais e a questão da mudança linguística são colocadas em discussão.

Os estudos variacionistas de Labov buscam compreender melhor o funcionamento das línguas levando em conta como as relações entre os indivíduos, os grupos e a língua se estabelecem entre si. A heterogeneidade linguística passa a ser o centro dos estudos da variação e da mudança da língua. Assim, a sociolinguística enfrenta desafios em tentar processar, analisar e sistematizar o aparente caos da língua falada ou escrita, já que é ordenada, estruturada enquanto as mudanças ocorrem.

Dessa forma, o objetivo da sociolinguística é descrever a relação existente entre os fatos sociais, exteriores à língua, como idade, sexo/gênero, escolarização, classe social, profissão, registro/estilo, entre outros, e os próprios fatos linguísticos, internos à língua. Labov (2008) afirma que o estudo da língua deve ser feito observando o seu contexto linguístico e extralinguístico e, segundo o autor,

Os procedimentos da linguística descritiva se baseiam no entendimento de que a língua é um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, era natural considerar essas normas como invariantes, compartilhadas por todos os membros da comunidade de fala. No entanto estudos mais detalhados do contexto social em que a língua é usada mostram que muitos elementos da estrutura linguística estão envolvidos na variação sistemática que reflete tanto a mudança temporal quanto os processos sociais extralinguísticos. (LABOV, 2008, p. 140)

Em uma de suas mais significativas pesquisas, ao analisar o fenômeno de presença/ausência da consoante pós-vocálica -r em falas de vendedores de três lojas de departamentos em Nova Iorque subdivididas em *status* inferior, médio e superior, Labov pretendeu não só compreender os fatores linguísticos condicionantes à variação mas também como a posição ocupada pelo falante, os estilos contextuais, a profissão, a renda,

a idade, a escolaridade e até a avaliação feita pelos falantes estão intimamente relacionados com a escolha por uma variante ou outra, estigmatizada ou de prestígio.

É interessante perceber como as pesquisas e os estudos sociolinguísticos têm avançado em termos de análise quantitativa de fenômenos linguísticos variáveis, fenômenos estes que apresentam variantes com o mesmo valor de verdade, mas opostas em sua significação social. Segundo Monteiro,

Para estabelecer-se o conceito de variável linguística, é necessário que as duas ou mais variantes tenham o mesmo significado referencial ou denotativo. Essa pressuposição de dizer *o mesmo* de modos diferentes se aplica sem grandes controvérsias a variáveis fonológicas. O /r/ de *elixir* pode ser pronunciado com maior ou menor força expiratória, pode até ser apagado, sem que o significado denotativo do vocábulo se modifique. Já não é assim com o significado expressivo ou social: se o /r/ é pronunciado com bastante força, pode ser enfático, adquirir um símbolo de prestígio ou, em vez disso, ser estigmatizado se, por exemplo, for pronunciado à moda caipira. (MONTEIRO, 2000, p. 59)

3. Apagamento do -r em posição externa

De acordo com a literatura sobre o fenômeno do apagamento do -r final em textos orais/escritos, Callou, Moraes & Leite (1998) afirmam que este não é um fenômeno que começou nos dias atuais e que já tinha sido registrado nas peças de Gil Vicente, ainda no século XVI, na fala dos negros escravos e caracterizado como um falar não culto. A ausência da consoante -r nos textos escritos representava a fala das pessoas comuns, socialmente desprestigiadas, enquanto a fala dos portugueses, considerados cultos e prestigiados, era marcada com o -r final no seu registro. Os autores afirmam que os fenômenos sociais estão intrinsecamente ligados a fenômenos linguísticos e as caracterizações das falas dos negros por meio do apagamento do -r em posição final nas peças de Gil Vicente ilustram e demonstram uma mudança “de baixo para cima”.

O fenômeno do apagamento do rótico final aos poucos foi se expandindo a outros estratos sociais e teve seus primeiros registros aqui no Brasil no século XIX. De lá para cá, a queda do rótico no final de palavras tem chamado a atenção não só nos momentos de fala mas também nas produções escritas. Segundo Callou & Leite, o apagamento do rótico tem

Hoje um uso irrestrito, não sendo privativo de mulheres ou de qualquer etnia, classe social ou nível de escolaridade. São as mulheres jovens, contudo,

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

que, em termos percentuais, utilizam mais frequentemente a variante marcada e mais inovadora, apagando o r final nas formas verbais do infinitivo. Isso talvez indique que esse tipo de pronúncia não seja mais estigmatizado. Por outro lado, as mulheres adultas acima de 36 anos diminuem sensivelmente o percentual de uso, comportamento esse oposto ao dos homens, e que talvez denote que uma marca negativa ainda persiste. (CALLOU & LEITE, 2010, p. 37)

Segundo Beline (2014), no estudo do fenômeno variável do apagamento do /r/ no português brasileiro, haverá falantes que vão apagar o /r/ muito mais frequentemente do que outros, falantes com diferentes taxas de apagamento. Para o autor, no entendimento dessa “regra variável”, deve-se atentar para a frequência com que falantes (individualmente ou em grupo) apagam o /r/ nos diferentes contextos e outros podem variar independentemente.

Para Bortoni-Ricardo e Machado (2013), na modalidade escrita, a variação não está prevista quando

Uma língua já venceu os estágios históricos da sua codificação. A uniformidade de que a ortografia se reveste garante sua funcionalidade. Toda variação fonológica de um discurso oral (inclusive e principalmente a de natureza regional) se reduz a uma ortografia fixa e invariável, cuja transgressão não é uma opção aberta para o usuário da língua. (BORTONI-RICARDO & MACHADO, 2013, p. 54)

Callou, Moraes e Leite (2013) afirmam que apenas três fonemas, /s/, /r/ e /l/, podem ocupar a posição de coda silábica e, por seu polimorfismo, essas consoantes prestam-se à caracterização de fenômenos variáveis no português do Brasil. Para eles, o processo de mudança para as três consoantes apresenta motivações sociais e/ou estruturais distintas, embora similares na mesma direção. Em seus estudos, o /R/ pode realizar-se como vibrante alveolar [r], tepe [ɾ], vibrante velar/uvular [x], aspiração [h] ou zero [∅]. Assim,

A realização do R, determinada dialetalmente, vai de uma vibrante múltipla alveolar (rara em posição de coda) a um zero fonético (em posição final de vocábulo). Essa possibilidade de variadas realizações pode ser vista como vestígio de um processo de enfraquecimento, que leva até mesmo ao apagamento do segmento. A sequência postulada seria $r \rightarrow R \rightarrow x \rightarrow h \rightarrow \emptyset$. (CALLOU; MORAES & LEITE, 2013, p. 176)

Ainda segundo Callou, Moraes e Leite (2013), as diferentes possibilidades de realização do /R/ expressas na cadeia anterior estão presentes e são encontradas em quase todos os dialetos, contudo com diferentes percentuais a depender da região de origem do falante. Por exemplo, as cidades de Salvador e Porto Alegre encontram-se em direções opostas, visto que a distribuição da regra de cancelamento do /R/ na cidade de

Salvador é maior, enquanto na cidade de Porto Alegre há a preservação do segmento /R/. Dados sobre as cidades de Recife, Rio de Janeiro e São Paulo apresentam um equilíbrio entre as duas tendências.

Para Oliveira (2001, p. 91), “[...] o apagamento do (r) final de vocábulo altera a estrutura silábica, seja por meio de sua reestruturação ou por meio de sua simplificação. É condicionado por fatores linguísticos e sociais”. Os fatores linguísticos mais considerados no estudo desse fenômeno são extensão do vocábulo, classe de palavra, contexto precedente, contexto subsequente, tonicidade, sonoridade, classe morfológica, posição no vocábulo, entre outros, a depender do escopo de estudo. Entre os fatores extralinguísticos, externos, estão idade, escolaridade, profissão, sexo/gênero e até gêneros textuais em caso de um *corpus* escrito.

Com o intuito de melhor conhecer e compreender os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que motivam o apagamento do -r final de vocábulo, vários estudos que já foram realizados sobre o apagamento do -r nas falas apontam que há maiores ocorrências do rótico em posição de coda na posição externa do que em posição interna, constatando-se que em posição final há um favorecimento para a perda do segmento, como é o caso dos trabalhos realizados por Oliveira (1999), Oliveira (2001), Mollica (2003) e Callou, Moraes & Leite (2013), entre outros. No entanto há ainda a necessidade de analisar mais profundamente o fenômeno do apagamento do -r na modalidade escrita. Estudos já foram realizados por Mollica (2003), na cidade do Rio de Janeiro; por Bortoni-Ricardo (2005), na cidade de Brasília; por Costa (2010), na cidade de Caturba; por Ribeiro (2013), na cidade de Salvador, entre outros.

Mollica (2003) afirma que quase todos os processos fonológicos variáveis estão refletidos na escrita, mas não são simultaneamente em todo o vocabulário possivelmente afetado. Para a autora, “[...] fatores de ordem social influenciam também na quantidade de tais registros, especialmente os referentes ao perfil sociolinguístico do falante aprendiz da escrita”. (MOLLICA, 2003, p. 23)

Para a autora, observa-se uma equiparação dos fenômenos nas modalidades falada e escrita, porque

Condicionamentos concorrem para a manutenção ou cancelamento dos travadores silábicos que atuam na fala e na escrita. [...] esses condicionamentos se enquadram na hipótese segundo a qual regras em mudança (na fala) são mais resistentes à recuperação de segmentos cancelados (na escrita) do que regras em variação estável. (MOLLICA, 2003, p. 26-27)

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Relacionar o apagamento do -r em coda com o processo de aquisição da escrita é importante, pois os alunos, principalmente aqueles iniciantes, ainda estão se familiarizando com as convenções ortográficas e acham que a escrita é uma mera transferência da fala.

Segundo Pedrosa (2014), a diversidade sempre se refletiu na escrita, mas o caráter assíncrono da escrita foi responsável por anular muitos fatores extralinguísticos que condicionam a variação linguística e esta última dificultava o entendimento de quem escrevia e de quem lia. Diante disso, com o intuito de permitir que qualquer falante de qualquer variedade pudesse ler e entender o que estava escrito, houve a padronização de uma forma e anulação da variedade. Assim, o aspecto ortográfico assume a sua função primeira de neutralizar os fenômenos variáveis na escrita, normatizando uma forma única para representar as variantes da fala.

De acordo com Mollica (1998), o fenômeno do apagamento é um processo que acontece em todo o território nacional, com as devidas particularidades de cada comunidade de fala, mas que não parece oferecer qualquer estigma social a quem o utiliza oralmente e, por isso, a autora também sugere sua aplicação na escrita.

Para Hora e Pedrosa (2008 apud PEDROSA, 2014, p. 67), as codas são fenômenos variáveis, sendo que as codas /l/ e /r/ têm comportamentos bem próximos, já que há uma tendência ao seu apagamento, especialmente no final de palavra. Assim, diante dos estudos da fala e da escrita sobre o falar paraibano já realizados pelos autores, pode-se atestar a sua ausência também na escrita.

Segundo Mollica (2003), deve haver uma ação pedagógica firme e insistente no trato com os fenômenos variáveis da língua. Consequentemente, deve haver um trabalho de conscientização e orientação explícita dos fenômenos, que, a princípio, pode ser infrutífero, pois o falante já cancela quase totalmente na fala os segmentos e enfrenta muitas dificuldades para registrá-los na modalidade escrita.

O que se constata é que frequentemente a escola valoriza a variedade culta tanto na modalidade escrita quanto na falada e procura liquidar as formas das variedades populares. A escrita é normatizada e sujeita a regras específicas. Na escola, a noção de “erro” é muito forte e a avaliação da ortografia tem um caráter negativo. Nesse cenário, é relevante analisar o papel do professor na tarefa de ajudar os alunos a refletir sobre a língua materna, à medida que ajuda a desenvolver a competência das

tarefas comunicativas que os alunos já são capazes de realizar, como é o caso da modalidade oral, e ampliar o repertório da modalidade escrita, em diversos contextos, sejam eles monitorados ou não. Bortoni-Ricardo e Machado (2013) afirmam que a reflexão sobre a língua em uso torna-se especialmente crucial quando os alunos começam a conviver com a modalidade escrita da língua.

4. Metodologia

As motivações para o desenvolvimento desta pesquisa partiram primeiramente das constatações do fenômeno em questão em atividades escolares na rede pública de ensino e pelos questionamentos dos pares a verificar que, em algumas situações, a escrita se assemelha com a fala distanciando-se de alguns padrões ortográficos no ambiente escolar.

Nesta pesquisa, analisamos produções escritas e ditados de frases de alunos do ensino fundamental II (6º e 9º anos) e do 3º ano do ensino médio da rede pública da cidade de Feira de Santana – BA, com a finalidade principal de investigar o apagamento do -r em final de palavras, averiguando a influência da oralidade nas produções escritas, e analisar os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem a supressão do rótico em final de palavras. Avaliamos também o papel da escola na ampliação ou não da competência linguística nas modalidades oral e escrita à medida que o aluno avança para as séries finais nos ensinos fundamental II e médio.

Para a coleta de dados, contamos com a colaboração das professoras regentes das disciplinas de língua portuguesa, que aplicaram o questionário do informante em que constavam dados pessoais, sociais, da sua vida para que essas informações pudessem ajudar a controlar alguns critérios e, principalmente, as variáveis sociais. Em seguida, os alunos foram orientados para a realização de uma atividade de ditado de frases. Por fim, os estudantes receberam uma proposta de produção textual.

Após a coleta do material de pesquisa, os dados referentes ao fenômeno em questão foram codificados e submetidos ao programa Gold-Varb X, uma ferramenta estatística e computacional para análise quantitativa, que modela os dados e calcula a frequência e os pesos relativos para a análise sociolinguística.

Para o desenvolvimento deste trabalho sobre o apagamento do -r em posição final de palavras na escrita escolar, foi feita uma pesquisa do

tipo quantitativa/descriptiva à luz da teoria da variação e da mudança linguística (WEINRECH; LABOV & HERZOG, 2006) e de pesquisas já realizadas por Callou, Moraes & Leite (1998), Oliveira (1999), Oliveira (2001), Mollica (2003), Marcuschi (2010), Ribeiro (2013) e Santos (2014), entre outros.

As análises que seguem foram baseadas nas produções textuais (redação e ditado de frases) de um total de 12 informantes, sendo 4 deles pertencentes a cada uma das séries (6º e 9º anos do ensino fundamental ii e 3º ano do ensino médio) de uma escola estadual da cidade de Feira de Santana – BA, localizada na parte norte da cidade. Em todos os níveis de escolaridade houve um equilíbrio no número de informantes em relação ao sexo/gênero, ou seja, dois do sexo masculino e dois do sexo feminino. Vale ressaltar que a amostra será ampliada com a continuação da pesquisa.

5. *Análise dos dados*

Para a análise dos dados foram levados em conta os fatores linguísticos/internos e os fatores extralinguísticos/externos que favorecem ou desfavorecem o apagamento do -r em final de palavras. Dentre os fatores linguísticos analisados, além da variável dependente, estão a classe morfológica, o número de sílabas do vocábulo, a vogal precedente, o contexto subsequente (zona de articulação, modo de articulação e sonoridade do segmento ou pausa) e o gênero textual. Como fatores sociais, extralinguísticos, foram considerados o sexo/gênero e a série/ano escolar.

O programa GoldVarb X selecionou alguns grupos de fatores como condicionadores do apagamento do -r em final de palavras, nesta ordem: a série/ano escolar, o número de sílabas do vocábulo, a classe morfológica, a vogal precedente e a sonoridade do segmento seguinte. O *input* inicial de aplicação da regra do apagamento foi de 0.217 enquanto o *input* final foi de 0.143. O nível de significância da rodada foi 0,016 e o *log likelihood* foi -155.824.

A Tabela 1, a seguir, mostra a distribuição das ocorrências do fenômeno encontrada na escrita dos alunos pelas duas variantes, apagamento e manutenção do -r. O apagamento do -r totalizou um percentual de 22% e a manutenção do rótico predominou em 78% dos dados. Os resultados obtidos podem indicar que há influência da fala na escrita dos discentes, ainda que pequena.

Dados	Apagamento do -r	Realização do -r	Total
Ocorrências	86	311	397
Percentual	22%	78%	100%

Tabela 1: Distribuição dos dados apagamento x manutenção

O primeiro grupo selecionado como o mais importante para a implementação do apagamento foi a série/ano escolar. A hipótese aventada para esse grupo foi a de que quanto maior o nível de escolaridade do informante, menor o índice de apagamento do -r final de vocábulo. Assim, acredita-se que quanto mais escolarizado o informante for, um maior uso será feito por ele da variedade padrão. Um outro aspecto relevante a ser destacado é que os alunos do 3º ano do ensino médio encontram-se no final de um ciclo escolar e estão se preparando para os exames avaliadores como o ENEM e o vestibular, que exigem um monitoramento maior da escrita e uso de formas menos estigmatizadas. É possível perceber na Tabela 2 que ocorreu um decréscimo contínuo do apagamento do -r à medida que o aluno saiu do sexto ano para o nono ano e do nono para o terceiro. Assim, pode-se concluir que a primeira série do ensino fundamental II favoreceu o apagamento com um peso relativo maior, de 0.769.

Série/Ano Escolar	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
6º Ano Ensino Fundamental II	49/121	41%	.769
9º Ano Ensino Fundamental II	22/135	16%	.423
3º Ano Ensino Médio	15/141	11%	.324

Tabela 2: Apagamento do -r final e série/ano escolar

Para o segundo grupo de fatores selecionado pelo GoldVarb X, o número de sílabas, a hipótese aventada foi confirmada, visto que o apagamento é favorecido em vocábulos mais extensos, vocábulos que são polissilábicos, enquanto as palavras com uma única sílaba inibem o apagamento, totalizando um percentual de 6% e peso relativo de apenas 0.263.

Número de Sílabas	Ocorrências/ Total	Percentual	Peso Relativo
Monossílabo	5/90	6%	.263
Dissílabo	46/199	23%	.559
Trissílabo	22/82	27%	.487
Polissílabo	13/26	50%	.874

Tabela 3: Apagamento do -r final e número de sílabas

Para exemplificar, algumas das palavras monossilábicas analisadas no *corpus* foram as seguintes: “Eu gosto de vê..”. (aluno do 9º ano); “Com minha mãe e meu irmão fomos *da* um passeio” (aluna do 3º ano). No caso das palavras dissilábicas atingidas pelo fenômeno, foram encon-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

tradas: “... vou *fala* um pouco da minha férias” (aluna do 6º ano); “Por *favo*, devager..”. (aluno do 3º ano). Para ilustrar as palavras trissilábicas que sofreram o apagamento, encontramos: “e *preserva* a natureza” (aluna do 6º ano); “Devaga com o ando..”. (aluna do 6º ano). Por fim, algumas das palavras polissilábicas que sofreram a supressão foram: “O altor vai *altografa* o meu livro” (aluna do 6º ano); “uma boa leitura pra *descontrai*”. (aluna do 9º ano)

O terceiro grupo de fatores selecionado pelo programa foi a classe morfológica da palavra. Na Tabela 4, observa-se como elemento favorecedor do apagamento do -r a classe dos verbos. Neste grupo, há um destaque para os verbos no infinitivo como os maiores favorecedores ao cancelamento do -r final, com um peso relativo 0.769, enquanto os adjetivos mostraram tendência à manutenção. Desta forma, não houve refutação da hipótese inicial, pois a supressão ocorreu com uma frequência menor nos não verbos do que nos verbos. Exemplos de não verbos encontrados na pesquisa foram: “De vagar com o *ando*..”. (aluno do 6º ano); “... pode por o brinquedo longe do *corredo*”. (aluno do 6º ano). Exemplos de verbos encontrados foram: “cieu *fize* u que minha mãe pede vou *come* chocolate” (aluno do 6º ano).

Classe de palavras	Ocorrências/ Total	Percentual	Peso relativo
Verbo infinitivo	58/184	32%	.769
Verbo não infinitivo	1/11	9%	.685
Substantivo	18/128	14%	.255
Preposição	7/60	12%	.244
Adjetivo	2/14	14%	.147

Tabela 4: Apagamento do -r final e classe de palavras

Apresentamos, na Tabela 5, a seguir, os resultados para a variável vogal precedente em relação ao apagamento do -r final. As vogais que mais favoreceram a supressão do -r foram a vogal alta anterior e a vogal média posterior alta, com pesos relativos 0.813 e 0.725, respectivamente.

Vogal Precedente ⁶²	Ocorrências/ Total	Percentual	Peso Relativo
Vogal alta anterior	4/6	67%	.813
Vogal média posterior alta	23/155	15%	.725
Vogal baixa	54/178	30%	.437
Vogal média anterior alta	4/44	9%	.117
Vogal média anterior baixa	1/12	8%	.109

Tabela 5: Apagamento do -r final e vogal precedente

⁶² Não houve dados com vogal precedente alta posterior nem média posterior baixa.

Para as vogais altas anteriores, exemplos de dados analisados foram: “*assiste televisão*” (aluno do 6º ano); “*pra descontrai*” (aluna do 9º ano). Como exemplos de dados com vogal precedente média posterior alta, encontramos: “*De vagar com o ando..*” (aluno do 6º ano); “*... pode por o brinque do longe do correto*” (aluno do 6º ano).

Quando analisada a sonoridade do segmento subsequente ao -r, grupo de fatores também selecionado pelo programa, documentou-se uma maior frequência do fenômeno do apagamento diante de sons desvozeados, com 24 ocorrências de um total de 96 dados e peso relativo 0.621.

Sonoridade do segmento subsequente	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Vozeado	12/72	17%	.342
Desvozeado	24/96	25%	.621

Tabela 6: Apagamento do -r final e sonoridade do segmento subsequente

Exemplos de contextos subsequentes surdos foram os casos de: “*com o ando que o santo..*” (aluna do 3º ano); “*... senho pode..*” (aluno do 3º ano). Para os termos subsequentes sonoros pode-se exemplificar com: “*decide minhas escolhas*” (aluna do 9º ano); “*estuda muito*” (aluna do 9º ano).

Foram excluídos da análise os dados cujo contexto subsequente era uma vogal, visto que nesse ambiente o /R/ deixa de ser implosivo e passa a ser a primeira consoante da sílaba do vocábulo seguinte num grupo de força na cadeia da fala. Foi o caso de expressões como “*por isso*” e “*ser humano*”.

Uma outra hipótese aventada na pesquisa era a de que existiria uma diferença mais marcante de frequência do fenômeno nas duas propostas de produção escrita apresentadas, a redação e o ditado de frases. No entanto o grupo de fatores ‘gênero textual’ não foi considerado relevante pelo Programa para esta pesquisa nesse momento.

6. Considerações finais

Trabalhar com um *corpus* escrito pode confirmar que o conhecimento sobre a variação linguística na fala é muito importante para o processo de letramento, pois o professor poderá auxiliar o estudante a sistematizar com propriedade as relações entre letra e som variável, além de trabalhar aspectos de avaliação dos falantes ao atribuírem juízos de valor

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

às formas de fala e escrita. Se o professor tem conhecimento sobre o condicionamento do processo variável, haverá facilitação no trabalho da oralidade/escrita, portanto é de extrema relevância dar sequência aos estudos sociolinguísticos sobre o apagamento do rótico em final de palavras na escrita como reflexo da fala, com o intuito de contribuir com as pesquisas sobre o tema e de colaborar para a melhora do ensino de língua portuguesa.

Dessa maneira, a escola não deve estar alheia às variações da língua. As marcas típicas de oralidade, como, por exemplo, a supressão do -r no final de palavras, são traços graduais no português do Brasil que têm consequência no uso da ortografia. Estudos sobre a interferência da fala na escrita devem ser considerados pelo professor em sala de aula com vistas a ter novos olhares para as variedades não privilegiadas socialmente, para variações e mudanças linguísticas. Enfim, novas práticas, novas abordagens devem ser desenvolvidas em sala de aula com o objetivo de evitar mais preconceitos e exclusão no processo do ensino de língua.

Assim, acredita-se também que o desenvolvimento de uma pesquisa como esta tenha grande importância para profissionais que já atuam no ensino de língua portuguesa e também para estudantes da área de letras, que poderão compreender as condições em que o fenômeno variável aparece nas produções textuais e de que forma os resultados podem contribuir para as questões relacionadas ao ensino de língua, auxiliando a prática do professor no reconhecimento do fenômeno linguístico em questão e na distinção fala vs. escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012, p. 23-50.

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 121-140.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

_____; MACHADO, V. (Orgs.). *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola, 2013.

CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *Revista D.E.L.T.A.* [on-line], São Paulo, vol. 14, n. especial, 1998. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 02-07-2015.

_____; _____. Consoantes em coda silábica: /s, r, l/. In: ABAURRE, Maria Bernadete M. (Org.). *A construção fonológica da palavra*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 167-194.

COSTA, Geisa Borges. *O apagamento do rótico em coda silábica na escrita de estudantes catuenses*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). – Instituto de Letras/Universidade Federal da Bahia, Salvador.

GUY, Gregory R; ZILLES, Ana Maria. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MOLLICA, Maria Cecília. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

_____; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2010.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O apagamento do /R/ implosivo na norma culta de Salvador*. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras). – Instituto de Letras/Universidade Federal da Bahia, Salvador.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de. *Manutenção e apagamento do (r) final de vocábulo na fala de Itaituba*. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras). – Centro de Letras e Artes/Universidade Federal do Pará, Belém. Disponível em:

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

nível em:

<http://www.ufpa.br/alipa/teses_mestrado/tese_marilucia.PDF>. Acesso em: 08-07-2015.

PEDROSA, Juliene Lopes. Variação fonético-fonológica e ensino de português. In: MARTINS, Marco Antônio; VIEIRA, Sílvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice. (Orgs.). *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 57-79.

RIBEIRO, Lorena Nascimento de Souza. *O apagamento do -R em posição de coda silábica: há influência da fala na escrita discente?* 2013. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens). – Departamento de Ciências Humanas I/Universidade do Estado da Bahia, Salvador.

SANTOS, Shirley Cristina Guedes dos. *Apagamento do /R/ nas falas popular e culta de Feira de Santana – BA*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). – Departamento de Letras e Artes/Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana (BA).

SILVA, Thais Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10. ed. 5. reimpr. São Paulo: Contexto, 2014.

WEINREICH Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. 2. ed. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.